

O PATRIMÔNIO DO IMIGRANTE

O MODELO DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

A ARQUITETURA DAS REGIÕES DE IMIGRAÇÃO

O PATRIMÔNIO IMATERIAL



Propriedades rurais de Timbó e Pomerode, no Vale do Itajaí. Ainda hoje o trabalho na terra, as ferramentas tradicionais, a vida simples do campo, fazem parte do cotidiano de muitas regiões de imigrantes.

O patrimônio cultural dos imigrantes que se deslocaram para Santa Catarina durante os séculos XIX e XX, em especial entre 1850 e 1930, é de significância mundial. Mescla tradições e conhecimentos de culturas milenares, vindas de vários continentes, adaptados às condições da história, da cultura e da geografia locais. Na visão da época, o território era pouco ocupado populacionalmente, uma vez que se desconsiderava totalmente a presença indígena e mesmo a cabocla. A primeira era fruto de povoamento de aproximadamente cinco mil anos, e a segunda, com origem nas bandeiras paulistas, incrementara-se ao longo das diversas variáveis dos caminhos das tropas. Na visão oficial, consideravam-se apenas os moradores afro-luso-brasileiros, que estavam concentrados na estreita faixa litorânea e na isolada vila de Lages, fazendo com que praticamente todo o vasto interior do estado fosse colocado à disposição dos empreendimentos coloniais. Muitas dessas colônias fixaram-se isoladamente, formando as chamadas ilhas culturais e guardando muito do patrimônio dos pioneiros e de seus descendentes. Paisagens urbanas e rurais, que mesclam elementos naturais – da fauna, da flora e da geografia – e áreas de cultivos e pastagens; arquitetura, técnicas, materiais e detalhes construtivos; conhecimentos agrícolas, culinária, festas, tradições, histórias, folclore, dialetos, saberes e fazeres em geral fazem parte do vasto patrimônio cultural do interior de Santa Catarina. Estudiosos alemães consideram que o patrimônio germânico mais importante do mundo, fora da Europa, está em Santa Catarina. O legado de portugueses, afro-descendentes, italianos, poloneses, ucranianos, austríacos, húngaros e russos, entre outros, é também um dos mais significativos.

É a partir desse universo cultural que o presente trabalho propõe o desenvolvimento de uma política de amplo reconhecimento e proteção. Partindo das células básicas desse patrimônio – que são as pequenas propriedades rurais –, estudando as casas que abrigavam as famílias, os ranchos que viabilizavam a subsistência, os núcleos rurais e os centros urbanos, o projeto busca proteger as evidências maiores do extraordinário ciclo migratório ocorrido no Brasil e extremamente bem representado em Santa Catarina. Os bens selecionados para proteção representam a trajetória de vida dos milhares de seres humanos que idealizaram, nessa parte do mundo, dias melhores para si e para suas famílias. Que o legado dos homens, mulheres e crianças que escolheram passar aqui a sua existência seja reconhecido pelos brasileiros de hoje e possa ser transmitido aos cidadãos do futuro: eis o objetivo maior deste projeto.

O MODELO DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

A típica propriedade rural que se desenvolveu na região colonizada pelos imigrantes em Santa Catarina é bastante simples. Tanto as estradas principais quanto as secundárias – desde cedo as vias mais importantes de penetração e fixação no território – estendiam-se ao longo dos vales e dos rios, buscando as várzeas fertilizadas e as encostas pouco acentuadas, próprias ao cultivo e às pastagens. Transversalmente aos caminhos, distribuíam-se os lotes, faixas estreitas e alongadas que se estendiam até a cumeada dos morros. Contavam com vinte e cinco a trinta hectares de área média, favorecendo, assim, um certo padrão de densidade das comunidades rurais. As casas eram construídas normalmente na testada dos lotes, guardando distância variável da via pública e quase sempre precedidas pelos jardins e eventualmente pela horta. As demais unidades rurais – ranchos, estábulos, estrebarias, chiqueiros, galinheiros, paióis etc. –, construídas, assim como as casas, com características próprias de cada uma das etnias de imigrantes, normalmente se interligavam com a fachada lateral ou com a posterior, por vezes formando uma espécie de pátio de serviços, nos fundos ou no lado das casas.

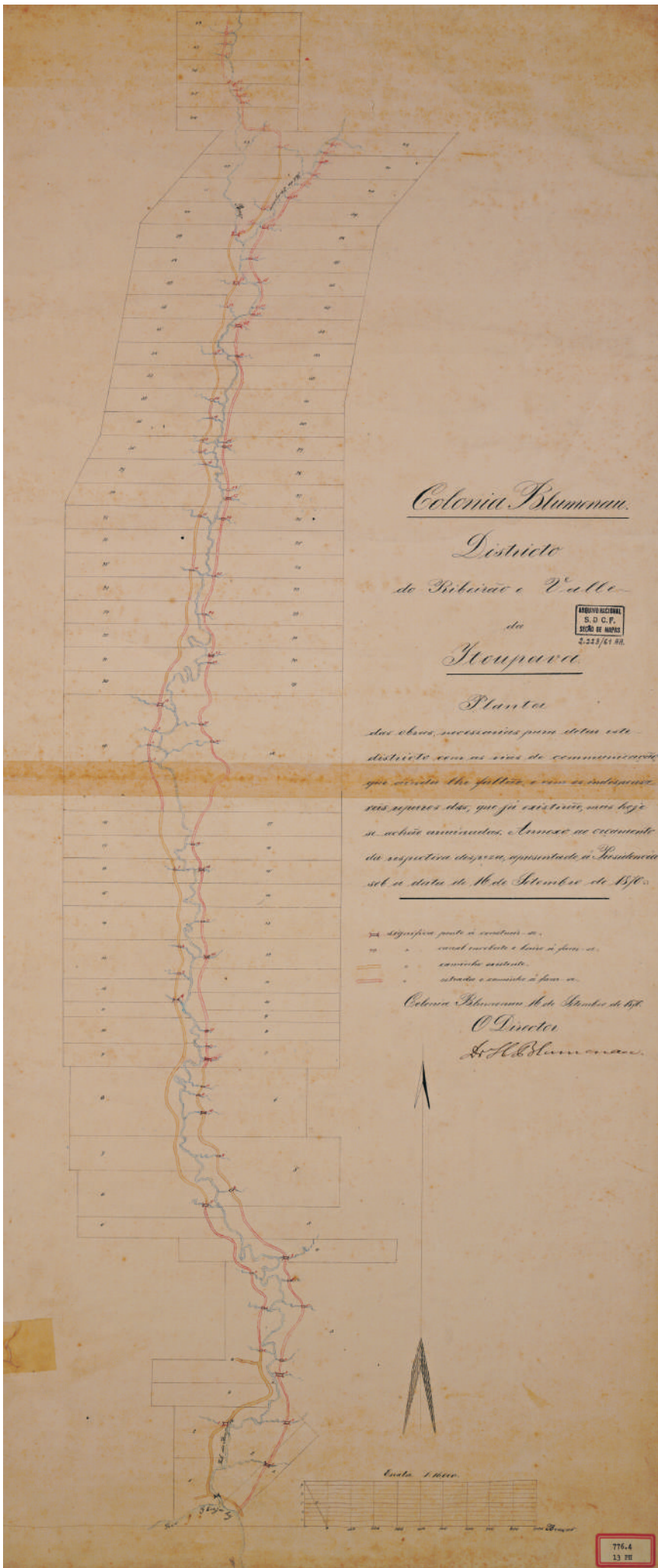
As áreas de plantio e de pasto para o gado organizavam-se atrás do conjunto construído. Os imigrantes alemães e também os italianos estabeleceram uma prática de mesclar a pequena agricultura com a produção

Propriedade Nelson Bauer, localizada em uma das estradas da Vila Itoupava, em Blumenau.

A localização da casa (com a frente voltada para a estrada); dos ranchos (formando um pátio interno de serviços); do jardim com a horta (na frente e na lateral da casa, numa mistura singular de espécies); a área reservada à agricultura (próxima ao córrego d'água); o campo para pastagens e a cumeada dos morros com mata preservada, são elementos que traduzem o modelo tradicional de implantação das propriedades nos lotes coloniais, neste caso exemplarmente representado.

O conjunto e a relação entre todos esses elementos compõe uma paisagem cultural expressiva e singular, que tem sua tônica calcada na pequena propriedade policultora.





Mapa da Colônia Blumenau, distrito do Ribeirão da Vila Itoupava, em 1870. As "picadas" eram abertas ao longo do leito dos rios, a partir das quais se distribuíam, no sentido perpendicular, os lotes coloniais, sempre de forma alongada - com testada pequena e grande profundidade. As casas e o conjunto de ranchos eram instalados próximos à estrada, na porção mais baixa do vale. O fundo do lote (numa cota bem mais alta, em geral cumeada dos morros) permanecia preservado.

FONTE MAPA: Arquivo Nacional

de derivados do leite. Além do processamento dos produtos cultivados nas próprias propriedades rurais, as colônias dedicavam-se ao seu processamento, como os derivados dos grãos em atafonas/ moinhos, destilarias, cervejarias e fábricas de bebidas. As indústrias coloniais, como serrarias, olarias, marcenarias e ferrarias, também fazem parte dessa lista. Desde cedo esses produtos foram exportados para fora das colônias.

Essa implantação típica, desenvolvida ao longo dos caminhos e formada de lotes estreitos e alongados, com casas e ranchos na testada, foi a base da ocupação de todas as regiões de imigrantes de Santa Catarina e singulariza a paisagem onde está inserida.

No cruzamento dos caminhos, foi comum a concentração de edifícios de uso comunitário, como os comércios, os salões, as escolas e as igrejas, cujas características arquitetônicas e implantação destacam-se no contexto das paisagens rurais. Essa forma de ocupação relaciona-se muito bem com as características da natureza local, mesclando o preciosismo da arquitetura – que pontilha os lotes agrícolas, formando como que mosaicos – com a coloração diferenciada do pasto, da mata e dos diversos cultivos, compondo um conjunto paisagístico notável, de extraordinária beleza cênica.

Essa paisagem cultural, animada pelas tradições preservadas, mantém-se quase que inalterada em muitas das regiões do interior do estado de Santa Catarina.

As colônias de imigrantes não se urbanizaram instantaneamente. Ao contrário, os empreendimentos coloniais eram predominantemente agrícolas e os centros urbanos desenvolveram-se de forma lenta e quase sempre improvisada. Nos primeiros anos, a característica básica das colônias de imigrantes era o contínuo prolongamento de novas linhas de pioneiros, que se instalavam cada vez mais distantes do núcleo original dos empreendimentos. Distribuindo-se ao longo de picadas, linhas, estradas e cursos de rio, os lotes acabaram por ocupar toda a região, cultivando as várzeas, reservando até a meia encosta para a pastagem e preservando a mata das cumeadas. Assim, era de esperar que variasse bastante o tempo necessário para os imigrantes construírem os abrigos, as casas provisórias e, finalmente, uma casa permanente.

Em muitas situações, os imigrantes passaram dos ranchos à casa permanente e, em outras, quando as colônias já estavam consolidadas, foi possível chegar à construção da casa permanente sem que as famílias tivessem que passar por ranchos ou edificações provisórias.

O processo era presumível: partindo de núcleos originais, desenvolveram-se os caminhos, que se alongavam sempre, enquanto o núcleo se adensava e os lotes rurais mais antigos tornavam-se mais produtivos. Concluída a fase de ocupação, os núcleos urbanos prosseguiram seu desenvolvimento, transformando-se freqüentemente em cidades. Alguns dos centros rurais também se urbanizaram, enquanto a maior parte da região mantinha suas peculiaridades agrícolas intocadas.

Por duas gerações, formou-se um todo harmônico e produtivo, até que, nas últimas décadas, a urbanização desenfreada induziu ao esvaziamento do campo, produzindo a situação de desequilíbrio – tônica das três últimas décadas.

Este projeto integra o esforço de estabilizar a área de imigrantes, buscando valorizar a área rural, e estabelecer regras e limites para o crescimento urbano.

NÚCLEOS URBANOS

Do ponto de vista urbanístico, pode-se afirmar que os núcleos das colônias de imigrantes que se transformaram em muitas das atuais cidades de Santa Catarina apresentam traçados diferente dos partidos luso-brasileiros até então existentes no estado. As cidades da região de imigração, nascidas de empreendimentos rurais, têm seus traçados urbanos decorrentes da interação entre a geometria da demarcação dos lotes rurais e a organicidade dos acidentes naturais. Os lotes eram demarcados preferencialmente ao longo dos rios. Carlos Ficker, na magistral “História de Joinville”¹, descreve assim a chegada dos pioneiros:

“Prosseguindo viagem, o rio foi se estreitando, e grandes aves aquáticas se espantavam com as vozes e com as pancadas dos remos. Grandes árvores, com suas ricas parasitas, dobravam-se por sobre as canoas e o rio foi se tornando extremamente estreito, com grandes pedras e rochas de granito nas margens lodosas e pretas.

Há provas documentadas de que no mesmo dia 22 de maio, continuavam a subir o Rio Cachoeira, até chegar à embocadura de um riacho de águas puras e cristalinas. À beira do mesmo encontrava-se uma cabana rústica do cidadão francês M. Frontin, egresso da Colônia do Saí, fracassada anos antes.

Ao anoitecer, chegaram os pioneiros na pequena clareira aberta na densa vegetação da mata virgem, defronte a este rancho, desembarcando em seguida.

Além desse ponto, o Rio Cachoeira não oferecia mais possibilidade de navegação. Silenciosas e imóveis, pendiam sobre as águas do rio as sombrias frondes das árvores. Resolveram então Aubé, Guenther, o Cel. Vieira, que acompanhava a expedição, e os demais colonos, passar a noite no rancho de Frontin. Foi assim, desta maneira, escolhido o local da futura Colônia Dona Francisca”.

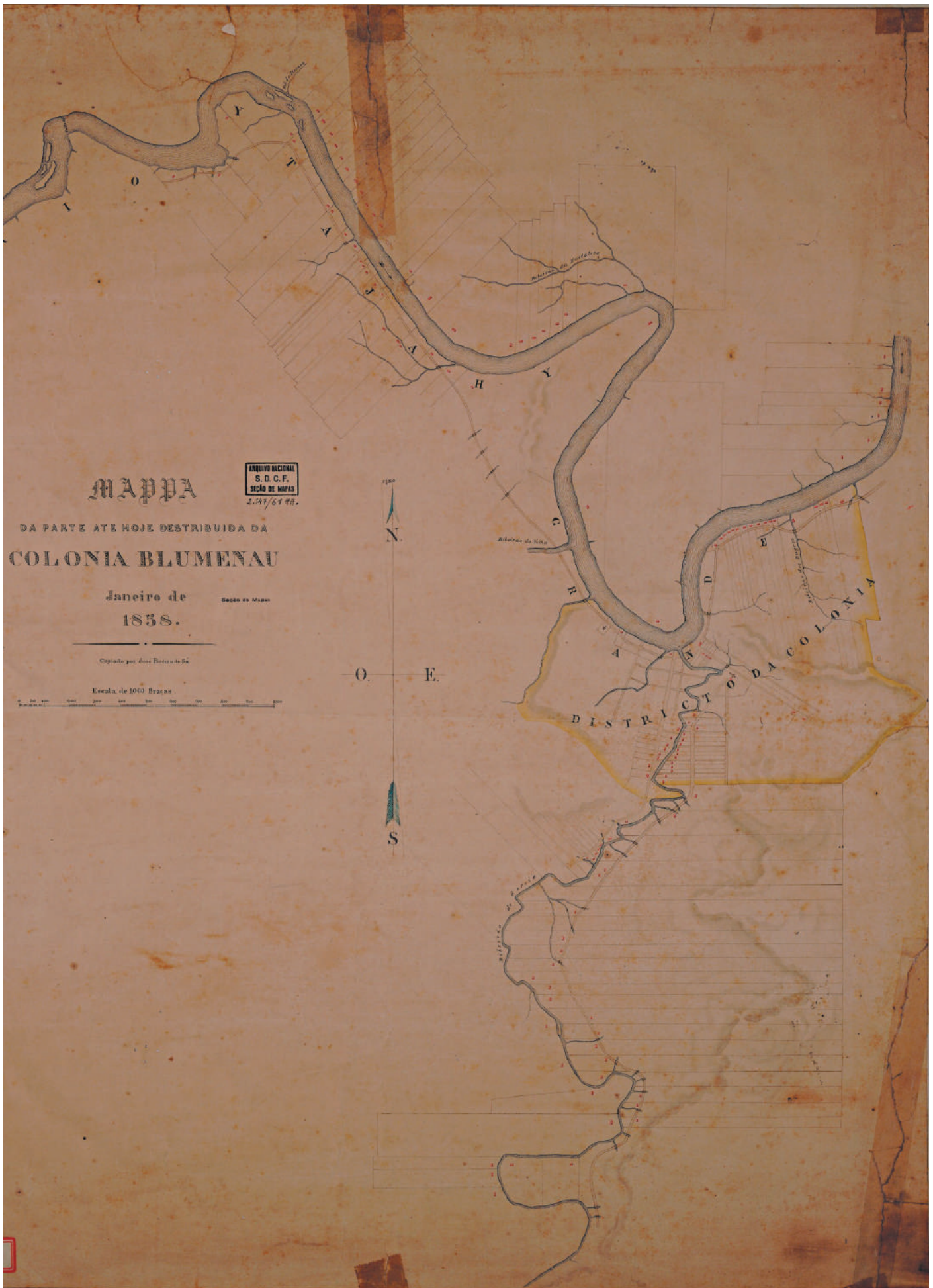
A demarcação dos lotes foi o elemento básico da urbanização. Quase sempre, iniciou-se aleatoriamente, a partir do local onde o ingresso de imigrantes e mercadorias fosse facilitado por rios navegáveis ou caminhos pré-estabelecidos.

Abaixo dos contrafortes da Serra do Mar, onde os rios são abundantes, prevaleceu o estabelecimento de colônias às margens dos cursos d’água, utilizados como vias preferenciais de acesso e comunicação, partindo do litoral. Assim ocorreu nos atuais centros urbanos de Gaspar, Blumenau, São João Batista, Nova Trento, Pomerode, Indaial, Timbó, Jaraguá do Sul e Joinville, por exemplo.

A partir dos contrafortes da Serra do Mar, em direção ao interior, os caminhos prevaleceram como vias preferenciais de penetração. A primeira colônia, São Pedro de Alcântara, foi implantada ao longo do caminho

Mapa da Colônia Blumenau em 1858. A área ressaltada como o “Distrito da Colônia” representa o atual centro histórico da cidade. O município de Blumenau possui, atualmente, cerca de 300.000 habitantes. A distribuição dos lotes seguia o mesmo padrão das estradas rurais (perpendiculares ao leito dos rios). Percebe-se também o primeiro arruamento do núcleo urbano, com a localização das igrejas luterana e católica. A área central está localizada juntamente ao porto fluvial, por onde desembarcavam os imigrantes. Daí distribuíam-se para os lotes coloniais.

FONTE MAPA: Arquivo Nacional



que ligava Desterro a Lages. A criação de São Bento do Sul, no alto da serra, derivou da abertura da Estrada Dona Francisca, ligando o litoral ao planalto norte.

No sul, os imigrantes italianos também se valeram dos rios e dos vales como vias de acesso para a implantação de suas colônias, utilizando-se ainda dos antigos caminhos percorridos por tropeiros, que iam de Laguna ao planalto lageano.

Em Blumenau, Brusque e na Dona Francisca, os rios eram as vias naturais de acesso à região, inteiramente coberta por matas fechadas. As cidades nasceram a partir dos portos fluviais, escolhidos por permitirem o acesso tanto ao interior das colônias, quanto aos portos marítimos, que viabilizavam o comércio e abasteciam de gentes e de gêneros os nascentes empreendimentos migratórios.

O traçado urbano derivado desse contexto foi distinguido dos congêneres luso-brasileiros por Peluso: “Estudando-se as cidades do estado de Santa Catarina, fundadas até meados do século passado (XIX), nota-se a persistência de dois tipos de plano urbano: um, o mais difundido, tem como elemento predominante a praça central que emoldura a igreja; outro, mais raro, adapta-se ao relevo, partindo do centro comercial. As cidades de Florianópolis e Lages são exemplos do primeiro; Joinville e Blumenau do segundo. Vemos aqueles núcleos urbanos como cidades portuguesas, e estes, como cidades alemãs, atribuindo seus planos, respectivamente, às culturas lusa e germânica”²².

Blumenau é um exemplo eloqüente. O início do seu processo de urbanização é assim descrito, ainda por Peluso:

“Quando chegaram em 1850, os primeiros imigrantes, esses usaram o meio de transporte mais fácil na época, o fluvial. Alcançaram Belchior pelo rio, e daí prosseguiram em companhia de um sócio do Dr. Blumenau: ‘Aí veio Hackardt buscar-nos e às nossas malas numa balsa, com dois brasileiros, levando-nos até a Velha, pois o do Garcia, onde hoje assenta a cidade, era tudo muito bruto.’, escreveu mais tarde um desses pioneiros.

A Picada aberta entre o porto de desembarque e a foz do rio Garcia marcou, por longo tempo, o limite da povoação.

A colônia teve início no Vale do Rio Garcia. Através do caminho aberto ao longo do rio começaram a aparecer os primeiros sinais de comércio. As transações eram realizadas na área junto à Barra do Rio Garcia, pois que visavam o abastecimento da população que se fixava no Vale, ou a saída dos produtos para o porto marítimo, na atual cidade de Itajaí. Blumenau iniciava-se, então, como cidade de porto fluvial”²³.

Implantado o núcleo, seu desenvolvimento era balizado, nas colônias alemãs, pela fixação de um eixo comercial, a partir do qual se subordinavam outras funções, como a religiosa, a recreativa e a institucional. Nas colônias onde italianos e poloneses predominaram – a exemplo das povoações luso-brasileiras –, a igreja destacou-se como elemento aglutinador principal, estruturador do plano urbano adotado e ponto de partida de seu desenvolvimento.

“As descrições das cidades que chamamos portuguesas e alemãs evidenciam que a igreja e o comércio são os elementos que geraram a diferença no plano dos dois tipos de núcleo urbano.”²⁴

A posição central (que ocupam até hoje) e a dimensão das praças litorâneas atestam a diferença: Florianópolis, Laguna, São José, Enseada do Brito e Santo Antônio de Lisboa, além das cidades mais novas como Itajaí e Tijucas, cresceram em torno de espaços planejados, encabeçados pela igreja e relacionados com o mar. Esse modelo urbanístico jamais foi seguido pelas colônias de imigrantes alemães, mas a importância da implantação da igreja pode ser extrapolada para os núcleos poloneses e italianos, de religião católica, herdeiros da tradição romana:

“Nas cidades romanas, as instituições religiosas ocupavam determinado sítio no plano, e as políticas, em torno das quais se agrupavam as econômicas, outro. Os edifícios em que se realizavam os atos referentes a elas eram olhados, pelos habitantes das cidades romanas, como símbolo das próprias instituições. [...]”



Colônia Dona Francisca, em 1878, ressaltando os distritos de Joinville e São Bento. O mapa mostra o primeiro arruamento dos núcleos que deram origem às duas importantes cidades.

FONTE MAPA: Arquivo Nacional

A Alemanha do Norte e do Leste (a maior parte dos imigrantes alemães que vieram para Santa Catarina provinham dessas regiões) receberam a cultura de Roma através do cristianismo. Quando surgiram as cidades, não se impôs nenhum estímulo para determinar especificamente um plano. Formando seu núcleo em torno das instituições econômicas, essas ocuparam o lugar central a que atende o plano. Enquanto para um grupo o plano é orientado segundo a praça, cuja face elevada é o símbolo da instituição religiosa, para o outro grupo o plano é dirigido pelo comércio, cuja área de ocupação é o símbolo da instituição que origina o agrupamento urbano.”⁵

Vale ressaltar que, em todos os novos núcleos coloniais, independentemente da procedência dos imigrantes, a regra foi a de arruamentos estruturados muito mais segundo as linhas da topografia do que por planos urbanísticos pré-concebidos. Prevaleceu a estrutura linear dos caminhos agrícolas, que pouco a pouco viram crescer, ao longo de seu traçado, núcleos comerciais ou religiosos, alguns dos quais mais tarde transformados em conjuntos urbanos. Mesmos nos centros comerciais que vieram a se tornar cidades, quase sempre se preservou a implantação em linha, só mais recentemente acompanhada, em seus núcleos, por vias paralelas e transversais que formataram quarteirões, como nos centros urbanos de Pomerode e Timbó. São dois exemplos típicos dessa implantação e de seu desenvolvimento: a rua principal concentra a prefeitura, as igrejas e o comércio, marcando o caráter caracteristicamente linear da paisagem

dessas cidades – absoluto até muito recentemente. Ascurra, como exemplo de núcleo italiano, e Alto Paraguaçu, como polonês, evidenciam essa tendência de linearidade, que pode ser detectada também em Blumenau, Urussanga, Rodeio, Gaspar e Jaraguá do Sul, dentre muitas outras cidades.

São mais raras as evoluções urbanas que parecem desenvolver-se a partir de praças ou logradouros, irradiando-se do centro para a periferia e resultando em núcleos mais compactos, formados pelo agrupamento de diversos quarteirões, como parecem ser os casos de São Bento do Sul e Joinville, no nordeste, e Orleans, no sul do estado.

Em Santa Catarina, é comum que o desenho atual das ruas pouco guarde das antigas divisões de lotes, marcadas sempre geometricamente, desconhecendo a sinuosidade da natureza e deixando de prever o desenvolvimento de pólos de urbanização. As propriedades interligavam-se naturalmente, e nos caminhos que o cotidiano impunha, acabou por surgir a maioria das ruas que efetivamente serviram de base ao processo de urbanização.

Sobre esse particular, vale frisar que o Código de Posturas de Blumenau, de 1883, previa a obrigatoriedade da permissão de passagem pelos lotes particulares àqueles que não tivessem outra alternativa:

“Artigo 42 – Os proprietários de terrenos nas margens dos rios, caminhos e estradas públicas, não são obrigados a dar trânsito em suas terras aos moradores centrais, senão àquelles que não tiverem outro caminho, ainda que mais longo para seguirem á estrada, sob pena de 4\$000 rs. de multa.”⁶

Como conclusão, pode-se salientar que os empreendimentos coloniais iniciaram-se com a implantação de núcleos destinados à recepção dos imigrantes e ao comércio da colônia. A partir deles, irradiaram-se primeiro os lotes, geometricamente marcados a partir de rios e espigões, e logo depois os caminhos, inicialmente simples picadas, que se espalharam por toda a região. A demarcação dos lotes e os caminhos que os interligavam, adaptando o planejamento inicial com os determinantes da natureza, formam a base da atual estrutura urbana e rural de toda a região estudada.



Colônia Dona Francisca, 1856. Note-se o núcleo original, com arruamento mais denso e lotes menores, de onde irradiaram-se as picadas ao longo das quais foram distribuídos os lotes rurais. Vale observar a marcação com o posicionamento das casas junto à testada do lote, próximas à estrada, configurando uma ocupação linear característica de todas as colônias de imigrantes.

FONTE MAPA: Arquivo Nacional

ÁREAS RURAIS

Três elementos principais conjugaram-se para definir o modelo de ocupação do território nas áreas rurais, estabelecendo uma constante válida para as diversas etnias, ao longo de todo o processo migratório. Esses elementos foram: a geografia natural, a demarcação dos lotes e os caminhos rurais, que interligavam as propriedades agrícolas e permitiam sua comunicação com o mundo exterior. Dois desses fatores, lotes e caminhos, derivam do terceiro: a natureza. Os lotes foram demarcados quase sempre a partir dos cursos d'água, estendendo-se até as cumeadas; os caminhos seguiam preferencialmente os rios, cortando várzeas e subindo elevações, interligando as bacias



Ilustração de Rodowicz (1852), representando a preparo dos primeiros lotes com a construção de cabanas rústicas - estrutura simples, de madeira, com obertura de palha - na Colônia Dona Francisca.

FONTE: Ficker, 1965. pág. 77

e os vales da região.

Os lotes, projetados sempre geometricamente, preservaram a ortogonalidade original apenas nas laterais, perdendo-a na testada e nos fundos, delimitados respectivamente por rios e cumeadas.

Os caminhos assumiram decisivamente as linhas da geografia, seguindo os cursos d'água nas várzeas e a topografia mais propícia nas encostas.

Estabelecidos os lotes e os caminhos, originalmente simples “picadas” quase intransponíveis, surgiu a arquitetura, símbolo maior da ocupação efetiva da região e do sucesso do homem frente à natureza.

As primeiras construções, segundo todos os depoimentos, foram os ranchos provisórios, construídos toscamente para abrigar a família ou seus membros mais aptos à dura tarefa de desmatar os lotes e providenciar os primeiros cultivos.

Esses abrigos, primeiros elementos construtivos a integrar as paisagens rurais, nem sempre apresentavam implantação relacionada com os caminhos rurais. Observando a iconografia e algumas dessas construções que subsistiram, transformadas em ranchos, percebe-se que a implantação decorria de uma apropriação primária do lote, ainda sem compromissos externos. Tratava-se de abrir as primeiras clareiras e de descobrir as áreas propícias ao cultivo, habitação, pasto etc. Como único referencial, o ponto de chegada no lote – fosse por picadas incipientes ou veios d'água – era determinante na localização dos

primeiros abrigos, assim como as pequenas elevações, que favoreciam a visão ampla do lote e preveniam contra as freqüentes cheias dos rios.

Quando as condições tornaram-se tais que permitiram a construção das primeiras casas, as comunicações dos lotes com os núcleos coloniais já eram significativas, os caminhos haviam ganhado importância e subordinaram a implantação das casas.

Pode-se constatar que todos os imigrantes, das diversas etnias, nas várias colônias e nos diversos períodos dos empreendimentos migratórios, construíram suas casas guardando distância da via pública, mas direcionados por ela, quase invariavelmente construindo a fachada principal paralela à estrada rural.

Os ranchos eram destinados aos animais e aos depósitos de produtos e instrumentos agrícolas e muitas vezes já estavam construídos, anexos às casas, desde que os lotes tornaram-se produtivos. Em frente à moradia implantaram-se jardins. Nas áreas planas da várzea, plantaram-se os diversos produtos agrícolas, reservando as pastagens para os fundos da casa e a base das encostas. Nas cumeadas, a mata foi preservada.

Esse modelo padrão foi seguido em milhares de lotes, formando a base da ocupação rural em toda a região de imigrantes no sul do Brasil.

Entre as casas que ocuparam os caminhos rurais, quebrando o isolamento no lote próprio dos primeiros tempos, logo se estabeleceu uma infra-estrutura básica, implantada linearmente e formada pelas igrejas, casas comerciais, escolas, salões e sociedades recreativas.

Esses complementos da vida no lote sempre se destacaram na paisagem. Estabelecidos ao longo dos caminhos rurais, proporcionaram-lhes os principais pontos de apoio e referência.

Em resumo, a ocupação rural caracteriza-se pela distribuição dos lotes coloniais, com suas casas, ranchos e áreas de cultivo demarcados ao longo das estradas que seguem os principais cursos d'água, e pela inserção pontual das torres das igrejas, dos volumes das entidades recreativas e pela constância das casas comerciais, localizadas em pontos estratégicos da rede de assentamentos agrícolas.



A ARQUITETURA DAS DIVERSAS REGIÕES DE IMIGRAÇÃO EM SANTA CATARINA

O estabelecimento das colônias nas diversas regiões do estado, ao longo de mais de um século da história, resultou na produção de arquiteturas locais e peculiares, com características próprias em cada região e em cada um dos empreendimentos coloniais.

A interação das tradições construtivas trazidas na bagagem cultural dos novos povoadores, oriundos das diversas regiões da Europa, com a geografia local, os materiais disponíveis, os grupos eventualmente já fixados nas proximidades de cada empreendimento, aliada à necessidade da fixação nas colônias, originou soluções específicas e únicas em cada região, quase que em cada uma das unidades migratórias.

O conjunto formado por essas unidades é surpreendente. Os volumes, as soluções técnicas, as mais variadas formas e o resultado estético dessas interações são singulares e traduzem a adaptação dos imigrantes estrangeiros à sua nova terra. Formam, por fim, um quadro único no mundo, resultando num patrimônio brasileiro autêntico, que precisa ser urgentemente reconhecido e valorizado.



MATERIAIS

O uso da terra e cal

**Taipa-de-mão/ pau-a-pique**

O material do tipo taipa-de-mão ou pau-a-pique é dos mais antigos na história da construção. É feito de terra argilosa misturada com palha ou outros tipos de fibras vegetais, para prevenir as retrações e o aparecimento de fissuras durante a secagem. Tradicionalmente, esse barro é aplicado com as mãos em camadas finas, empurrado sobre uma trama/armadura capaz de sustentar essa argamassa. A trama é normalmente feita de estacas verticais, às quais são amarradas as ripas ou varas roliças.

Na região de imigrantes, a taipa-de-mão foi usada em paredes externas e internas. Restam relativamente poucos exemplares da taipa-de-mão aplicada em paredes externas, já que a técnica deve ter predominado nos primeiros períodos, sendo paulatinamente substituída, na maioria das colônias, pela vedação com tijolos. O uso da taipa-de-mão está sempre associado a estruturas portantes de madeira, como o enxaimel na região de imigrantes alemães.

Externamente, a taipa-de-mão parece ter sido utilizada, portanto, nos primórdios das colônias, sendo mais comum nas áreas de ocupação antiga de Blumenau e Indaial, embora existam exemplares registrados em Pomerode e Timbó. Deve-se registrar que, dependendo das áreas de origem dos

Bastante rara atualmente, a taipa de mão é encontrada nas casas mais antigas. Sua utilização foi fundamental nos primeiros tempos da imigração, quando materiais e técnicas ainda eram rudimentares. Acima, antiga casa de taipa, em Indaial.



imigrantes, a taipa-de-mão pode ter perdurado por mais tempo, impondo-se como técnica consolidada, compatível com a condição de casa permanente. É o caso de algumas das unidades existentes em Blumenau e Indaial, principalmente, onde o uso externo das argamassas de barro convive com fortes estruturas de madeira e esmerados trabalhos de acabamento nas faces internas e externas das paredes de taipa.

Em paredes internas, a taipa-de-mão foi fartamente utilizada em todas as colônias e por todas as etnias de imigrantes.

Na região de imigrantes alemães do Vale do Itajaí, o tipo de armadura mais comum é composto de estais bem próximos e encaixados nas peças dos painéis da estrutura de enxaimel. O barro, previamente misturado com palha, preenche os espaços vazios, nivelado em ambas as faces no mesmo plano da estrutura. Essa técnica de vedação dos tramos da estrutura enxaimel é um processo, segundo Günter Weimer, específico da área de Santa Catarina, denominado de “Ausfachen mit Staken”.

No sul do estado registram-se estais horizontais, pregados nos esteios, bem como as modalidades tradicionais de tramos verticais. Diversos são os materiais utilizados na trama, incluindo-se palmitos e bambus.

Na área de imigrantes alemães de Santa Catarina, também são observados outros tipos de armadura e formas de aplicar o barro nos tramos, muitas vezes específicos de áreas determinadas, fato que demonstra o grande potencial de pesquisa ainda por realizar no estudo dessas casas e de seus aspectos construtivos.

Adobe

O adobe é um tijolo cru, feito de terra, ao qual é comum a adição de fibras. Tradicionalmente, o adobe é feito a mão, com uma terra maleável, comprimida ou atirada em um molde de madeira ou metal. O molde é removido e o tijolo deixado para secar no sol. Atualmente a produção de tijolos crus já é mecanizada.

Em algumas casas da região, onde os painéis encontram-se deteriorados, é possível suspeitar do uso do adobe como elemento construtivo, mas como a maioria desses painéis está rebocada, ainda não é possível a distinção segura entre painéis de adobe ou taipa-de mão. Apesar disso, pelas pesquisas já evidenciadas e de acordo com a documentação histórica, pode-se dizer que a taipa-de-mão predomina nos painéis de terra. Em viagem pela Alemanha notamos que também lá existe uma predominância de painéis de taipa-de-mão. O arquiteto alemão Udo Bauman comentou que o uso do adobe nas estruturas de enxaimel na Alemanha é mais tardio e menos freqüente que os de taipa-de-mão.

1 - Detalhe do trançado da taipa de mão na empena lateral da Casa Zimlich [IDL224], em Indaial.

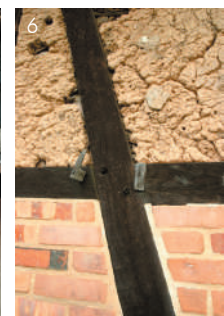
2 - Detalhe da taipa da casa do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.

3 - Antigo açougue em Pomerode, demolido.

4 - Exemplo de reboco de terra e cal utilizado em uma casa em Pomerode.

5 - Painéis de taipa da casa do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.

6 - Detalhe Casa Zimlich [IDL224], Indaial.



Argamassas, Rebocos, Estuques e Tintas

Argamassas de barro foram empregadas nos diversos tipos de edificações antigas da região, para assentamento de tijolos. Conforme observações locais e análises procedidas em laboratório, não apresentam cal na sua constituição, apenas fibras vegetais e animais.

A alvenaria rejuntada com argamassas de barro foi a técnica predominante na esmagadora maioria das casas construídas com tijolos, inclusive nas casas enxaimel e nos edifícios de alvenaria autoportante. Já os rebocos e os rejuntos de acabamento da alvenaria aparente utilizaram cal na argamassa.

Os rebocos são, na sua maioria, constituídos de terra arenosa e cal em baixa proporção, apresentando também evidências de fibras. Os rejuntos de paredes e painéis de tijolos aparentes são executados em argamassas de cal e areia limpa e clara, conferindo cor branca aos rejuntos e ressaltando a alvenaria de tijolos.

Materiais Cerâmicos



Gravura de 1852, mostrando as instalações da primeira olaria de Joinville, pertencente ao Sr. Rolff Lyng.

FONTE: Ficker, 1965. pág. 137

Tijolos

Os tijolos mais antigos tinham uma aparência rústica, maior dimensão, vários tamanhos e cores variadas, incluindo tons de vermelho, creme e camurça. Análises desses tijolos indicam que a argila foi coletada de várias jazidas/ barreiros, que o processo de misturar o material era variado e que as temperaturas de queima não eram uniformes. Evidências colhidas em casas com tijolos de textura manual e análises de moldes de tijolos e telhas mostram que foram utilizados misturadores rudimentares e fornos improvisados no local da construção, consistindo de cavidades escavadas em pequenos barrancos.

A construção de uma pequena olaria era uma das providências quase imediatas a ser tomada para o desenvolvimento dos núcleos coloniais.

Na Colônia Dona Francisca, já em 1852 (menos de um ano após a implantação da colônia) Peter Lyng, norueguês, instalou a primeira olaria, na esquina da Rua do Príncipe com a São Pedro. O relatório de 1854 acusa a existência de 39 casas habitadas em Joinville e mais 160 na colônia. A Dona Francisca contava com 1.194 habitantes e a indústria era representada por três

padarias, duas fábricas de cigarro, uma de licor, uma cervejaria, duas olarias e uma de telhas e artigos cerâmicos, além de cinco engenhos de açúcar, dois de arroz, duas moendas de milho, dezesseis engenhos de mandioca e duas prensas de óleo de rícino. Em 1864, a população já era de 5.237 pessoas, formando 1.072 famílias. As olarias já eram oito e duas as fábricas de artigos cerâmicos.

Em alguns casos, para a construção de edificações de maior porte, chegava-se a improvisar uma olaria no local da construção, desativada logo após a conclusão da obra. Esse foi o caso do conjunto comercial dos Irmãos Stoltenberg [VDR001], no município de Vidal Ramos, construído nas primeiras décadas do século XX. Os tijolos produzidos manualmente na olaria montada ao lado da obra possuem aparência singular, grandes dimensões e, em algumas paredes, é possível perceber as marcas dos dedos do oleiro nos tijolos aparentes.

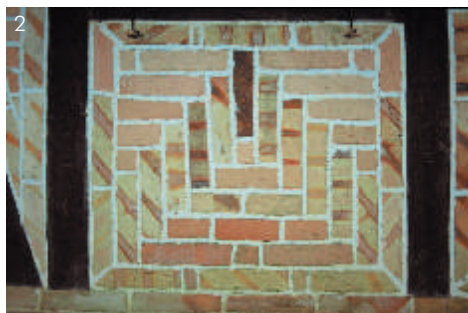
Mais tarde apareceram os tijolos extrudados, fabricados em olarias movidas a força animal. Esses tijolos já denotam aparência mais uniforme, apresentam superfícies lisas, possuem tamanhos mais regulares. Sua cor avermelhada com glazuras escuras é resultado do processo e da posição dos tijolos durante a queima. Há evidências, na região, dos antigos misturadores de madeira, ainda rudimentares, e dos antigos fornos de tijolos com fogo por baixo (forno escocês). Mais tarde, ainda na forma tradicional, esses fornos foram transformados e o local do fogo acabou sendo um compartimento separado da área de queima, fazendo com que o calor chegasse por cima da pilha dos tijolos e não por baixo, como ocorria nos processos mais antigos.

Existem numerosos exemplares que demonstram a utilização

Os diferentes modos de produção, os tamanhos e as tonalidades dos tijolos singularizam cada uma das edificações, identificam épocas de construção e, algumas vezes, caracterizam-se por regiões. Em Joinville é possível identificar tipos de tonalidades mais claras e com manchas escuras. (1 e 2). Já no Vale do Itajaí predominam os tons avermelhados (4), sendo freqüentes também composições geométricas desenhadas com o uso de tonalidades diferentes de tijolos (3 e 6).

Em São Bento do Sul são mais comuns os tijolos uniformes, utilizados com maestria na casa Neumann (5).

- 1- Casa Amadeu Godard [JVE104], Joinville.
- 2- Casa Schwisky [JVE042], Joinville.
- 3- Igreja do Ribeirão Liberdade [BND001], Benedito Novo.
- 4- Casa Hornburg [POD076], Pomerode.
- 5- Casa Neumann [SBS004], Estrada Dona Francisca, São Bento do Sul.
- 6- Salã Hammermeister [TIO013], Timbó.





As telhas tipo “rabo de castor” (1) são as mais encontradas nas regiões de imigrantes alemães. Podem ser colocadas de duas formas: sobrepostas (2 e 3) ou em escamas (4). A segunda maneira requer o dobro do ripamento (9) da primeira (8). Um outro tipo - mais raro - de telha encontrado nas regiões de colonização alemã possui encaixe lateral como uma espécie de gancho (5). Hoje restam poucos exemplares desse tipo de telha cerâmica. Nas regiões de colonização italiana e nas colônias alemãs da grande Florianópolis e do sul do estado - onde o elemento germânico esteve desde cedo em contato intenso com o luso-brasileiro - o tipo de telha mais encontrado é do tipo capa e canal (7). As “cristas” (6 e 11) são outros elementos cerâmicos utilizados no acabamento da cumeeada dos telhados. São raras e observadas com mais intensidade no Vale do Itajaí, na região de Pomerode. A combinação das telhas, da inclinação dos telhados e o ritmo das coberturas proporcionam características singulares à paisagem das regiões (10).

- 1- Detalhe do telhado da Casa Miguel Poffo [ASC003], Ascurra.
- 2- Casa Duwe [IDL001], Araponguinhas, Indaial.
- 3- Casa Fleith [JVE023], Estrada do Pico, Joinville.
- 4- Telhado Casa Klug [TIO001], Timbó.
- 5- Cobertura da Casa Struwe [IDL002], em Indaial, demolida.
- 6- Crista da Casa Erwin Arndt [POD017], conhecida como a “casa da crista”, em Pomerode.
- 7- Detalhe do telhado da Casa da Família Bocardó [URS091], na localidade de Rio Maior, Urussanga.
- 8- Ripamento do telhado da casa enxaimel do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
- 9- Ripamento do telhado de uma casa no município de Luís Alves.
- 10- Seqüência de telhados do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
- 11- Crista da Casa Volkman, em Pomerode.

estética das diferentes tonalidades dos tijolos na composição das casas de todas as regiões de imigração, em especial nas varandas, fachadas frontais e, muitas vezes, também nas elevações laterais de construções ligadas aos imigrantes, principalmente alemães e italianos.

Na área de imigração polonesa, onde foram registrados vários exemplares de alvenaria de tijolos aparentes executados com grande esmero construtivo, não se tirou partido das diversas tonalidades de tijolos. A casa Neumann [SBS004], na estrada Dona Francisca em São Bento do Sul, é um exemplo dessa característica.

Telhas

É comum, na área de imigrantes alemães, o uso de telhas cerâmicas planas chamadas de Bieberschwanz-Ziegeln (“telhas rabo de castor”). Encontram-se também na região, mas com menor frequência e associadas às casas mais antigas, as telhas denominadas de Pfannenziegeln (“telhas panela”), que, conforme o Prof. Günter Weimer, são de origem flamenga (Günter Weimer, 1988). Essas telhas parecem ter sido confeccionadas desde os primeiros anos de implantação das colônias de imigrantes. Em muitas das casas mais antigas, inclusive no “Palácio dos Príncipes” – a casa do representante do príncipe de Joinville na então Colônia Dona Francisca, tombada individualmente pelo IPHAN em 1939 –, encontraram-se telhas rudimentares, onde os sulcos superficiais eram produzidos com a ponta dos dedos dos artífices. Existem casos de verdadeiras “impressões digitais” ainda presentes nesses elementos construtivos, conferindo um valor de identidade e individualidade a cada uma das peças.

Essas telhas, que funcionam principalmente por sobreposição, precisam de bastante inclinação dos telhados para atuar a contento, uma necessidade que corresponde à tradição de ocupação dos espaços entre a estrutura dos telhados, na forma dos sótãos, comuns em toda a região ocupada pelos imigrantes alemães.

As telhas Bieberschwanz, ou rabo de castor, podem ser fixadas nos telhados de duas maneiras diferentes. Chamamos de sobrepostas ao primeiro tipo, e de colocação em escama ao segundo, sendo o primeiro muito mais comum. A colocação das telhas em escamas exige quase o dobro do ripamento necessário para o entelhamento sobreposto.

Nos primórdios das colônias, as telhas cerâmicas eram verdadeiros objetos de luxo, acessíveis apenas a poucos privilegiados. Prevalciam as coberturas executadas com folhas de palmeiras e ramagens vegetais, apreendidas da tradição rural luso-brasileira da região. Em Brusque, nos primeiros anos depois de fundada a colônia, o relatório destaca as construções cobertas com telhas cerâmicas:

“No ano de 1869, haviam sido medidas 64.113 braças de lotes rústicos e urbanos. Havia ao todo 372 fogos e 435 lotes em franca exploração agrícola. Contava-se um total de 443 casas, sendo 276 de boa construção, entre elas 29 cobertas de telhas, e 167 provisórias.”⁷

Existe um terceiro tipo de telhas, muito mais raro, encontrado entre as construções teuto-brasileiras. Semelhante às Bieberschwanz, embora de confecção muito mais complexa, delas difere por apresentar encaixe lateral em forma de gancho. Na Escola no 1 [BLU183], na Itoupava Central, em Blu-

menau, preserva-se esse tipo raro de telha cerâmica, outrora existente também na Casa Struwe [IDL002], lamentavelmente demolida, no centro de Indaial.

Nas áreas onde preponderaram imigrantes poloneses e ucranianos, as telhas usuais são as francesas, introduzidas na região desde o final do século XIX.

Na região dos imigrantes italianos, no sul do estado e na Colônia São Pedro (onde imigrantes alemães interagiram com a tradição luso-brasileira pré-estabelecida), as telhas cerâmicas usuais são as do tipo capa e canal, do mesmo tipo das utilizadas no litoral, embora pouco menores. No Vale do Itajaí, as construções italianas mesclam o uso de telhas planas, do tipo produzido inicialmente pelos alemães, com as capa e canal de sua tradição. O mesmo ocorre no Vale do Itajaí, onde os imigrantes provenientes da Alemanha chegaram muito antes dos provenientes da Itália.

Todas as tradições construtivas dos imigrantes que vieram para Santa Catarina utilizaram telhas capa e canal para a cobertura da cumeeira.

Nas regiões ocupadas por colonos vindos da Alemanha, encontram-se alguns exemplares de telhas cerâmicas de cumeeira dotadas de sulcos, nos quais se encaixam adornos também cerâmicos, formando uma espécie de crista no topo dos telhados.

Em todas as regiões e nas diversas colônias, muitos telhados cerâmicos antigos tiveram suas telhas originais substituídas por telhas francesas, cuja fabricação se tornou rotineira em Santa Catarina ainda na primeira metade do século XX.

Elementos Vazados

Executados em cerâmica de forma hexagonal, foram utilizados em casas tardias, preenchendo peitoris de varandas.

A confecção de parapeitos vazados em tijolos, fixados de modo a alternar espaços cheios e vazios, também foi freqüente em construções mais antigas, deixando espaços entre as peças, como se vê na Casa Reinecke [TIO004], em Timbó.

Uso da madeira

A madeira utilizada nas construções era local e proveniente da floresta Atlântica. Nos primeiros tempos, a madeira muitas vezes era retirada do próprio lote onde se pretendia construir. A floresta original era rica em espécies, apresentando fartas alternativas para uso na construção civil, na confecção de instrumentos de trabalho, na marcenaria e na carpintaria. A madeira mais importante para a construção foi sempre a canela preta (*Ocotea catharinense*), secundada pela peroba-vermelha (*Aspidosperma olivaceum*).

No começo, as ferramentas utilizadas eram simples e foram as que os imigrantes trouxeram na sua bagagem, conforme a documentação histórica. Mais tarde, alguns imigrantes prosperaram e os métodos de transportes desenvolveram-se tanto que foi possível importar maquinário. Durante

A madeira é utilizada tanto como material construtivo como em acabamentos, elementos integrados e bens móveis. Está presente desde o forro até o piso, em esquadrias e detalhes de varanda (1). Casas de madeira são mais freqüentes na região norte (2), mas também são encontradas em todas as demais. A madeira é, invariavelmente, o material empregado na construção dos ranchos (3 e 4) em todas as regiões. Móveis (5), detalhes de acabamento, estrutura de telhados (6 e 7), lambrequins, mãos-francesas, esquadrias, (8 e 10), escadas (9)... A madeira está presente em todos os lugares, e todas as épocas, das mais variadas maneiras.

- 1 - Varanda da Casa Duwe [IDL001].
- 2 - Casa de maneira [ITP013] no conjunto de Alto Paraguaçu, em Itaiópolis.
- 3 - Ranchos na localidade de Nereu Ramos, em Jaraguá do Sul.
- 4 - Propriedade Schwarz [SBS012], na Estrada Dona Francisca, São Bento do Sul.
- 5 - Interior de casa em Pomerode.
- 6 - Varanda da Casa Ristow [IDL035].
- 7 - Detalhe Casa Lorival Hering [IDL039].
- 8 - Detalhe lambrequim Casa Polaski [ITP009], Alto Paraguaçu.
- 9 - Escada Fundação Hering, Blumenau.
- 10 - Fachada frontal Casa Raduenz [POD014a], Testo Alto, Pomerode.

o primeiro século de Blumenau (1850-1950), o desenvolvimento mecânico das indústrias de madeira superou o da cerâmica. A matéria-prima era farta e variada e o mercado não parava de crescer. A madeira quase não tinha preço na colônia: era necessário desbastar partes consideráveis da mata nativa para ganhar solo agrícola e principalmente para as pastagens. O processo pode ser ilustrado nas seguintes fases:

– Método manual, utilizando serras-fita, enxós, plainas, machadinhas e outras ferramentas manuais;



– Serrarias movidas a força d'água;

– Serrarias movidas a vapor, utilizando-se de grande variedade de máquinas para aplainar pranchas e seções perfis de marcenaria.

O uso da madeira como material construtivo, principalmente na forma de tábuas, não foi usual no início do ciclo migratório. O corte das toras era manual, tornando dispendioso o emprego da madeira na vedação de paredes externas. Foi só mais tarde, quando foram implantadas serrarias em praticamente todas as colônias, e em especial durante o apogeu do ciclo madeireiro no estado, que o uso da madeira alastrou-se por todas as regiões.

Não foram encontradas casas de toras de madeira em Santa Catarina, a exemplo das casas polonesas do Paraná. Entretanto, imagens do início da Colônia Dona Francisca parecem mostrar construções desse tipo, nos primórdios do empreendimento.

A madeira foi o material por excelência utilizado na confecção de estruturas das casas dos imigrantes. O enxaimel foi a técnica construtiva básica dos colonos provenientes da Alemanha, desde os tempos da Colônia São Pedro. Muitas vezes falquejado, representa o início e o desenvolvimento dos empreendimentos migratórios até quase meados do século XX.

Na estrutura dos telhados, a madeira foi absoluta.

Também na cobertura, registram-se exemplos de utilização da madeira. As telhas de tabuinhas, confeccionadas principalmente com pinheiros da espécie *Araucária angustifolia*, outrora abundantes, foram localizadas ao longo do trabalho de inventário apenas em dois imóveis, ambos em mau estado de conservação, situados no norte do estado.

Em Marcílio Dias, distrito de Canoinhas, quase na divisa com o Paraná, guarda-se importante acervo de construções em madeira, entre elas o único exemplar conhecido em Santa Catarina com paredes inteiramente vedadas com escamas de madeira.

Tábuas de madeira foram dos materiais mais utilizados na confecção de paredes internas nas casas de imigrantes alemães, italianos e poloneses.

Depois da mecanização das serrarias e a conseqüente facilidade para a obtenção do produto a baixo custo, inúmeras construções inteiramente confeccionadas em madeira surgiram nos mais diversos recantos do estado, inclusive no litoral de tradição luso-brasileira.

A madeira foi também o material invariavelmente utilizado para a construção dos ranchos, que compunham os conjuntos das pequenas propriedades rurais. Além disso, foi utilizada desde cedo na confecção de assoalhos, forros e esquadrias. Mais do que o metal e os elementos cerâmicos, a madeira destaca-se na confecção de ornamentos singulares como os lambrequins, mãos-francesas e todo o tipo de elemento vazado e recortado utilizado em varandas, empenas, arremates e molduras de esquadrias.

Em casos especiais, como na Igreja de São Judas Tadeu, em Vargem, troncos de madeira foram usados como sapatas, apoiando a estrutura – também edificada em madeira.

A pedra foi largamente empregada nas fundações de casas e ranchos (2, 4 e 5) em todas as regiões de imigrantes. No sul, onde estabeleceram-se colônias italianas, a pedra foi empregada também como material construtivo de casas, sobrados (1) e igrejas. É comum que peças texturizadas façam parte da composição do acabamento de algumas fachadas na região de Urussanga (3).

- 1 - Conjunto de pedra da Família Bratti [NW017a], em Nova Veneza.
- 2 - Fundação da Casa Hary Hein [BLU051], na Vila Itoupava, em Blumenau.
- 3 - Acabamentos de pedra na Casa Cancelier [URS095], em Rio Maior, Urussanga.
- 4 - Fundação da casa enxaimel do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
- 5 - Detalhe da fundação da Casa Radoll [TIO005], Timbó.

O uso da pedra

Abundantes em toda a região, as pedras não podiam deixar de fazer parte da arquitetura construída pelos imigrantes. Todas as etnias as utilizaram, em especial nas fundações, sendo que os italianos foram os únicos a edificarem paredes autoportantes de alvenaria de pedras – muitas delas aparentes na sua face externa.

As pedras foram usadas nas fundações das construções estruturadas em madeira, inclusive em enxaiméis e ranchos. Formaram a base também das edificações de alvenaria autoportante, inclusive as aparentes. Neste caso, as fundações foram confeccionadas em alvenaria de pedras, formando alicerces corridos, sobre os quais assentavam-se as paredes da casa. Nas casas de madeira, as pedras foram freqüentemente empregadas como sapatas, por vezes formadas por peças únicas, como na Casa Hary Hein [BLU051], em Blumenau.

Entretanto, foi na região sul, onde preponderaram os imigrantes italianos, que a pedra foi utilizada como principal elemento construtivo e estético da composição arquitetônica. Forma e função conjugam-se em uma tipologia sóbria, mas de extrema expressividade. Um número ainda considerável de exemplares, todos situados em áreas rurais de Urussanga, Nova Veneza, Pedras Grandes e Orleans, demonstram a antiga familiaridade no emprego da pedra. É surpreendente que em outro continente, e em condições tão diferentes, os colonos italianos ainda reproduzam, com uma espécie de classicismo inato que se expressa em proporções, texturas e acabamentos construtivos, a elegância da milenar arquitetura de sua terra de origem. A pedra foi utilizada também na pavimentação de vias e de espaços internos das pequenas propriedades rurais.



O uso do metal

Originalmente, na arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina, o metal foi utilizado apenas nos pregos que fixavam as ripas dos telhados, os forros e os assoalhos, além das dobradiças de portas e janelas.

Essa tradição manteve-se quase inalterada, com exceção de algumas poucas construções ecléticas, que se valeram, já no final do século XIX, de ornamentos de varandas e beirais executados em metais.

Onde se verifica com ênfase o uso de materiais metálicos construtivos é na cobertura das cúpulas das igrejas polonesas e ucranianas, e no telhado de muitas das construções ligadas aos imigrantes.



As cúpulas são elementos relevantes, de muita expressividade, relacionando diretamente arquitetura e paisagens rurais com as terras de origem dos imigrantes eslavos radicados no Brasil.

Os telhados metálicos são encontrados em praticamente todas as colônias, em edifícios construídos a partir do final do século XIX, em especial quando relacionados aos usos comerciais, ferroviários e inclusive religiosos, como nas igrejas de São Gervásio e São Protásio [URS093], em Rio Maior, município de Urussanga, e na de Santo Estanislau [ITP010], em Alto Paraguaçu, Itaiópolis.

São muitos os exemplos de maçanetas, fechaduras, dobradiças e outros elementos que acompanham as esquadrias. O metal é sempre empregado, desde os ranchos mais simples às mais sofisticadas casas urbanas. Seu uso vai das já mencionadas fechaduras e maçanetas (acima), às cúpulas metálicas (1 e 4), portões (3), cruzes (2) e tantos outros elementos presentes na arquitetura de todas as regiões.

SISTEMAS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Os sistemas construtivos utilizados nas colônias catarinenses se desenvolveram a partir da inter-relação entre os materiais e elementos disponíveis para a confecção e composição das edificações, juntamente com a tradição construtiva oriunda dos países de origem do imigrante e sua adaptação

- 1 - Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], em Moema, Itaiópolis.
- 2 - Cruz metálica em cemitério de Luís Alves.
- 3 - Portão de acesso a um a das grandes casas urbanas de Blumenau.
- 4 - Cúpula metálica da casa Amaral, no centro de Blumenau.



às condições locais.

Em Santa Catarina, verifica-se a adaptação de três tipos básicos de sistemas construtivos:

- 1) estruturas enxaimel, largamente empregadas nas regiões de imigrantes de origem alemã;
- 2) estruturas autoportantes, que podem ser de tijolos (em quase todas as regiões e, em especial, nos núcleos poloneses e alemães) ou de pedra (exclusivamente utilizadas nas colônias italianas do sul);
- 3) estruturas de madeira (encontradas, especialmente, nas regiões de colonização polonesa e também nas colônias italianas do sul).

Sintetizando, podemos verificar que os sistemas construtivos apresentam uma grande variedade de combinações, baseadas nos seguintes materiais:

Madeira: telhas (no passado), estruturas de paredes e coberturas, tabiques, portas e janelas, assoalhos, forros, treliças, escadas internas, lambrequins, parapeitos, pingadeiras e outros detalhes.

Cerâmica: telhas, tijolos, elementos vazados (combongós) e tijoleiras de piso. Existem tijolos circulares, próprios para a execução de pilares, bem como os ornamentos de cumeeira em cerâmica, conforme registrado na Casa da Crista, em Pomerode.

Terra: painéis de pau-a-pique, adobes, argamassas.

Pedra: pilares construídos para apoio dos baldrames de madeira, que suportam a alvenaria. Foram usadas, também, na pavimentação de pátios e, mais raramente, na construção de escadas externas. Em Joinville e no sul do estado, na região de imigrantes poloneses, foram usadas para a construção de muros.

Cal: argamassas, rebocos, estuques decorativos de alvenaria e forro, pintura de alvenaria e estruturas de madeira e forros.

Gesso: estuques de forro em casas maiores e quase sempre mais recentes.

Vidro: vidraças das janelas.

Metais: ferragens de portas e janelas, coberturas de zinco, pregos (cravos) no rejunte de piso e forro e na fixação das ripas aos caibros. Os pregos, que não são utilizados na estrutura, podem também estar presentes quando as empenas são vedadas com tábuas, nas pingadeiras fixadas nas laterais das empenas e nos ripados das varandas.

E s t r u t u r a s e m e n x a i m e l

A estrutura de enxaimel é um sistema de madeira autônomo, de origem muito antiga, que se desenvolveu na Idade Média. A madeira bruta é serrada em peças estruturais providas de encaixes. A montagem das peças forma um sistema estrutural autônomo, que é preenchido com materiais de

vedação como o adobe, taipa-de-mão e tijolos, formando painéis. No Rio Grande do Sul, existem tramos preenchidos com alvenaria de pedras. Esse método é baseado principalmente na tradição e habilidade manual dos carpinteiros com a madeira. Os carpinteiros da época seguiam determinados procedimentos para armar a estrutura, como marcar as peças com algarismos romanos para auxiliar na seqüência da montagem da estrutura.

O processo começava com a escolha da madeira para ser cortada e convertida em peças estruturais. No início, a madeira bruta era convertida em peças estruturais com serras manuais e ferramentas como o machado e o enxó. Mais tarde, a conversão das madeiras foi feita também de forma mecanizada, em serrarias movidas a força d'água.

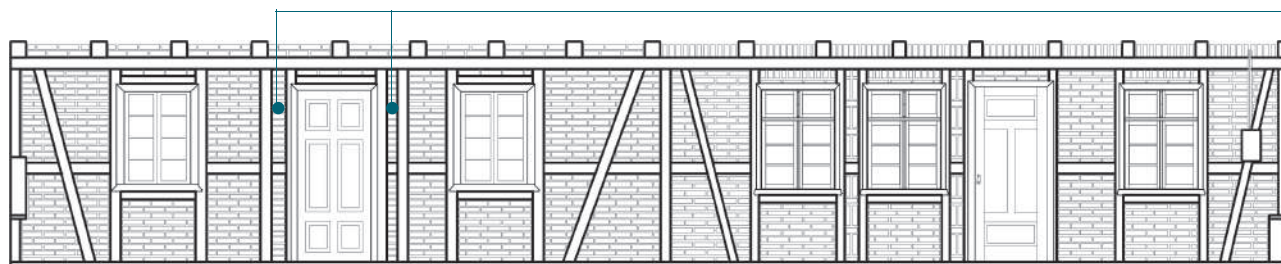
O quadro de vedação típico resultante do uso desse sistema na região é muito simples, medindo a altura do pé-direito da casa, quase sempre repartido por uma única peça horizontal. Quadros de vedação de forma retangular são os mais comuns na região. As peças diagonais são utilizadas nos quadros de vedação das extremidades das construções e, menos freqüentemente, nos quadros do meio das fachadas. Estas peças normalmente mantêm posição simétrica nos enquadramentos da casa.

O uso de colunas gêmeas, dois esteios praticamente justapostos, foi comum na região. Seu uso tem o caráter meramente decorativo do enquadramento principal, emoldurando principalmente a porta principal. Udo Bauman (1983, p. 11) refere-se às colunas gêmeas como herança do período Barroco.

Em Pomerode, existem vários casos de estruturas de enxaimel caracterizadas por tramos duplos, formando quadros de vedação de forma quadrada. Günter Weimer (1983, p. 249) menciona a simplicidade dos painéis quadrados adotados em Pomerode como de herança Pomerana.

Na região, a madeira da estrutura é normalmente deixada exposta e não rebocada, para contrastar com a vedação dos tramos. Nas estruturas mais antigas, a madeira era deixada na sua cor natural, acinzentada após a ação do tempo. Mais tarde, algumas estruturas foram pintadas de preto com betume (tar) ou de vermelho óxido. Internamente, o contraste dos tramos com a vedação não era usualmente enfatizado. Os tramos da estrutura eram caiados ou então rebocados juntamente com os painéis de vedação. Paul Helmut Keller descrevia assim, em 1971, a construção enxaimel: “A parte essencial desse tipo de construção é sem dúvida a parede estrutural, formada de madeiras serradas, geralmente de canela preta, cortada na lua certa, conforme os preconceitos da época. Esta estrutura compõe-se de um jogo de vigas longarinas inferiores e superiores, colunas, travessas e escoras, assumindo toda a função estrutural de contraventamento e distribuição de cargas sobre os poucos pilares do fundamento. Característica é

Colunas gêmeas na fachada frontal da Casa Thurow [T1O002], em Timbó. Não possuem função estrutural, apenas estética.



1 2 5m

a posição das escoras nos lados extremos, na parte superior, inclinadas para fora, certa para a função de contraventamento”.

A estrutura de enxaimel em Santa Catarina apresenta as seguintes características:

- Estrutura elevada do chão apoiada em pilaretes de pedra ou tijolos – 0,90 – 1,20 m em média, quando de tijolos, e variável, quando de pedras;
- Baldrames contínuos, também em madeira, onde se encaixam os esteios;
- Um ou dois tramos horizontais encaixados nos esteios;
- Vãos inseridos entre os esteios;
- Tramos diagonais, localizados normalmente nas extremidades da estrutura de enxaimel, sendo que, especificamente na região de Blumenau, são comuns as peças transversais inclinadas para dentro da fachada, e não no sentido de apoiar os cunhais, como ocorre em todas as demais regiões;
- Pode-se estabelecer uma evolução cronológica das casas enxaimel no sentido em que as peças da estrutura se tornam mais delgadas e são menos numerosas. Em Joinville, existem casas enxaimel construídas ainda em meados do século XX. Apresentam planta mais elaborada e telhados em quatro águas. Nas áreas onde alemães e italianos se mesclam, como em Acurra e Guabiruba, são comuns os enxaiméis delgados, com poucas unidades estruturais e sem os tramos horizontais. Em Guabiruba há uma série de casas em que o contraventamento é proporcionado por simples mãos francesas;
- Na área da antiga Colônia São Pedro, onde os imigrantes conviveram com populações luso-brasileiras já estabelecidas, a estrutura é cravada no chão (à maneira dos nabos utilizados no pau-a-pique tradicionalmente confeccionado em todo o Brasil) e não existem os tramos transversais.



O travejamento horizontal duplo é mais comumente encontrado em Pomerode, no Vale do Itajaí.

- 1 e 2 - Casa Ella Voigt [POD018], em Testo Alto, Pomerode.
 3 - Casa Wunderwald [POD024], também em Pomerode.
 4 - Escola Número 1 [BLU183], em Blumenau.

Casas de Estrutura Enxaimel e Vedações de Terra

Essas casas, relativamente raras, apresentam o volume principal construído em estrutura de enxaimel e os tramos são vedados com materiais de terra, frequentemente uma espécie de pau-a-pique e argamassa de barro e fibras. Também é encontrado, ainda que muito raramente, o adobe. Varanda, puxados e, ocasionalmente, divisões internas são construídos com tabiques.

A sobrevivência de casas com esse método de construção restringe-se a poucas unidades localizadas em diferentes áreas da região. É possível que, com o aprofundamento da pesquisa, sejam localizados novos exemplares. Muitas das casas que apresentam vedações em terra estão atualmente abandonadas ou são utilizadas como ranchos e depósitos. Esse tipo de construção pode refletir uma construção mais modesta, mas também pode estar relacionado a formas mais antigas de construir, em tempos em que a oferta de tijolos ainda era limitada; pode ainda estar ligado a tradições relacionadas com as regiões de origem dos imigrantes – onde o uso da taipa persistiu por maior espaço de tempo.



Poucos exemplares enxaimel com vedação em taipa resistiram à ação do tempo e à destruição. A foto acima é da década de 80, em Indaial. Este exemplar já não existe mais.

- 1 - Antiga Casa Tribess, em Pomerode.
- 2 e 3 - Painéis de taipa da Casa Zimlich [IDL224], em Indaial.
- 4 - Casa Vasselai [BLU139], Blumenau.
- 5 - Casa de taipa do Sítio Tribess [POD065], em Blumenau.

As casas enxaimel vedadas com taipa de mão são mais raramente decoradas, mas é possível encontrar detalhes como perfis trabalhados nas esquadrias, estêncil ou coluna gêmea. O interior é dividido basicamente em dois compartimentos, sendo usualmente utilizados os mesmos métodos de construção e materiais empregados nas paredes externas. Os tramos internos da estrutura enxaimel são mantidos mais freqüentemente sem reboco e quase sempre caiados, juntamente com a taipa de vedação.

O problema comum de deterioração dessas estruturas está muito associado à falta de manutenção dos panos de vedação, que deveriam ser procedidos na maneira tradicional – com cal. Como esta técnica deixou de ser utilizada, os reparos, quando executados, são procedidos com argamassas com alta dosagem de cimento. As casas enxaimel com vedação em terra apresentam, quase sempre, os panos de vedação expostos à ação do tempo e a degradação da argamassa de barro se estende, alcançando também a estrutura de enxaimel.

Torna-se urgente uma ação ampla de proteção específica direcionada a esses últimos exemplares.

Casas de Estrutura Enxaimel e Vedações de Tijolo

Essas casas apresentam o volume principal confeccionado com estrutura enxaimel e os vãos entre as peças da estrutura vedados com tijolos. Varanda, puxados e anexos são freqüentemente construídos em alvenaria autoportante de tijolos, embora sejam comuns também os confeccionados em enxaimel. Há uma grande variedade de tipologias de planta e composição dos volumes construídos com essa técnica, conforme detalhamento apresentado mais adiante.

As casas enxaimel apresentam, na maioria das vezes, similaridade de volume, estrutura de cobertura e divisão em planta com as casas de alvenaria autoportante e mesmo com algumas unidades, com estrutura simplificada ou não, vedadas integralmente com tábuas de madeira.

Mais de mil casas, estabelecimentos comerciais, igrejas, comércio e arquitetura com variadas funções, como fábricas e hospitais, subsistem



A Casa Duwe [IDL001] é um exemplar único na região. Sua volumetria aliada ao esmero da colocação dos painéis de tijolos forma uma composição singular com a paisagem rural.

espalhadas por toda a região de imigrantes alemães, construídas com este tipo de estrutura. O enxaimel com vedação em tijolos pode ser considerado o método típico de construir na região. Inclui uma grande variedade de formas, refletindo modelos antigos e tardios, ou soluções adequadas a cada período da vida dos colonos e de suas colônias. O enxaimel perdurou, nas áreas ocupadas



A estrutura enxaimel com vedação em tijolos aparentes é a mais encontrada nas regiões de colonização alemã. Predomina na arquitetura residencial (1, 2 e 5) do Vale do Itajaí e em Joinville, onde é freqüente também encontrarmos casas com os painéis enxaimel rebocados (3). Comércio (4), escolas (7), igrejas (8), depósitos (9) e salões de baile (10), construções que fazem parte da vida social das regiões de imigrantes são igualmente construídos na mesma técnica e compõem um conjunto singular de edificações de grande valor cultural.

- 1 - A Casa Herbert Hardt [JVE021] é um exemplar das casas rurais de Joinville. A cor do tijolo, mais esmaecido, diferente do avermelhado predominante no Vale do Itajaí, é uma das características que singularizam o enxaimel de Joinville. Anexo lateral, varanda incorporada e guarda-corpo com ripas de madeira são outros elementos que podem ser encontrados com mais freqüência na Colônia Dona Francisca de Joinville.
- 2 - Enxaiméis rebocados [JVE100] também estão presentes com mais freqüência em Joinville do que nas outras regiões.
- 3 - Casa comercial Zummach [POD009], em Pomerode.
- 4 - Empena lateral da Casa Ristow [IDL035], em Indaial.
- 5 - Detalhe do painel enxaimel da Casa Duwe [IDL001].
- 6 - Escola número 1 [BLU183], em Blumenau.
- 7 - Igreja Luterana do Ribeirão Liberdade [BND001], em Benedito Novo, um dos últimos exemplares de arquitetura religiosa enxaimel do Estado.
- 8 - Depósito Breithaupt [JGS147], no centro de Jaraguá do Sul. Grande estrutura enxaimel.
- 9 - Salão Primavera [BLU012], na Vila Itoupava, em Blumenau.

por colonos alemães em Santa Catarina, até o momento em que a arquitetura, já em meados do século XX, com o modernismo e as implicações do pós-guerra, deixou de referir-se às tradições de seus construtores, apegando-se a refletir apenas os anseios de sua época.

Nas construções enxaimel com vedação em tijolos, a decoração externa é caracterizada pela relação da estrutura com os panos de vedação de tijolos, apresentando variadas formas de emprego dos mesmos, formando desenhos geométricos ou tirando partido da policromia resultante da colocação de tijolos claro e escuro. Os painéis decorados mostram desenhos em espinha de peixe, zigue-zagues, losangos, cruzeiros e muitos outros. Os desenhos, cores e texturas dos tijolos são sempre ressaltados por um fino rejunte de argamassa de areia e cal, de coloração quase branca, valorizando as diversas tonalidades da terra dos tijolos da região. Outras características que dinamizam e alegam a composição são proporcionadas pelos ornamentos e pelas cores das esquadrias. As pinturas das portas principais constituem um caso à parte, com numerosas ocorrências de verdadeiras obras de arte popular, onde variadas cores são aplicadas aos diversos planos, entalhes e sobrevergas da porta. São comuns, também, pequenas bandeiras envidraçadas, que arrematam a composição proporcionada ao acesso principal da casa. Os detalhes nas varandas, como peitoris de madeira trabalhada, elementos vazados de cerâmica, ripados e treliças que fazem as vezes de lambrequins, mãos francesas com curvas reversas, plantas e flores, também contribuem para a beleza e singularidade da composição das casas enxaimel de Santa Catarina.

Patologias

As peças de madeira situadas nas partes inferiores das estruturas são as primeiras a deteriorar. Elas recebem a maior quantidade das águas das chuvas que escorrem sobre as paredes e retêm por muito mais tempo a umidade residual dos tijolos e da argamassa. O lado sul da estrutura é sempre a face em que primeiro ocorre a deterioração, pois é a mais afetada pela chuva, pelo vento e pela permanência da umidade – devida à falta de sol. Também a falta de manutenção das fugas permite que a água penetre na estrutura, encharcando os tijolos e atingindo o madeiramento estrutural. O baldrame é normalmente a peça mais atingida da estrutura, sendo comum a sua retirada e

O estado precário da conservação de muitas edificações é um problema que se agrava a cada dia. Em muitos casos, a trepidação provocada pelo trânsito intenso de veículos causa a movimentação e a desagregação dos painéis de alvenaria, como no caso do Depósito Breithaupt [JGS147], em Jaraguá do Sul (2). Internamente, muitas casas apresentam desprendimento do reboco interno (1), comprometendo, muitas vezes, as pinturas parietais existentes em muitas residências (3 e 4).



substituição por tijolos, que passam a absorver os esforços das peças verticais da estrutura. Essa substituição, muito comum, indica que a água das chuvas – que desce pela parede – causa mais danos que a umidade ascendente, já que originalmente essas estruturas estão suspensas do chão e, assim, protegidas contra a umidade ascendente.

Outro problema das estruturas enxaimel é a deterioração freqüente dos revestimentos internos que cobrem os painéis e as estruturas. O problema ocorre devido à instabilidade das estruturas, que aumentam e contraem em volume quando úmidas ou secas, causando estresse nas junções de painéis e estrutura, ocasionando o desprendimento dos rebocos e fugas.

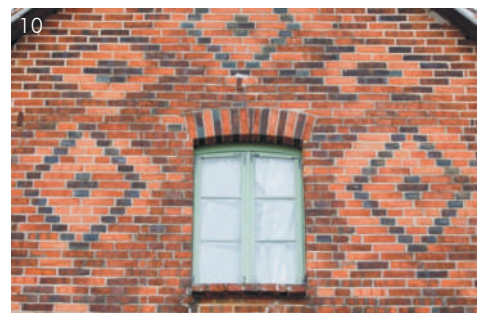
Falta de manutenção ou técnicas e materiais indevidos utilizados em consertos e reparos, em especial as argamassas de cimento e as tintas plásticas, tendem a agravar os problemas de deterioração. A maior parte das dificuldades de conservação desse tipo de construção está associada à umidade retida nos painéis de tijolos e transmitida para a estrutura de madeira.

ESTRUTURAS AUTOPORTANTES

Alvenaria de tijolos

Estruturas de alvenaria autoportante de tijolos estão entre as mais antigas da região de imigrantes de Santa Catarina e demonstraram, ao longo dos tempos, sua adaptabilidade e durabilidade. São tolerantes às deformações e apresentam boa resistência a cargas e estresse. Como foi dito quando da caracterização da casa enxaimel, as construções de alvenaria apresentam com elas similaridades de volume, estrutura de telhado e soluções de planta. Não são, entretanto, técnicas que se sucederam ao longo do desenvolvimento das colônias. É fácil comprovar que se trata de duas técnicas construtivas utilizadas simultaneamente, quase com certeza em função das tradições ligadas às regiões de origem dos construtores e dos proprietários dos edifícios. Contata-se, ainda, que o desenvolvimento da arquitetura da região de imigrantes apontou para o progressivo predomínio da técnica de tijolos autoportantes, que pouco a pouco foi substituindo as construções enxaimel, até se tornar absoluta nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, a roda da história não parou de girar, fazendo com que, por sua vez, essas construções fossem também substituídas, já na segunda metade do século XX, agora pelas estruturas de concreto armado, que em pouco tempo tornaram completamente esquecidas tradições construtivas de tanta significância quanto as trazidas pelos imigrantes alemães, italianos e poloneses para o interior de Santa Catarina.

As construções de alvenaria de tijolos autoportantes podem ser organizadas de acordo com várias características, tais como espessura das paredes (simples ou duplas), tipos de tijolos, presença ou não de pilares também de alvenaria, existência ou não de rebocos. Normalmente, em função da expressividade plástica, opta-se pela análise centrada no acabamento das construções, em especial no fato de seus tijolos serem aparentes, formarem ou não desenhos específicos, ou das paredes serem rebocadas.



- 1 - Casa Buzzi [ASC001], Ascurra.
 2 - Casa Schiocket [JGS036], Jaraguá do Sul.
 3 - Casa Gotardi [ROD002], Rodeio.
 4 - Casa Bel Trento [ROD007], Rodeio.
 5 - Casa Lenzi [RCD004], Rio dos Cedros.
 6 - Casa Neumann [SBS004], Estrada Dona Francisca, em São Bento do Sul.
 7 - Casa Zimath [TIO007], Estrada Pomeranos, Timbó.
 8 - Casa Ewald [TIO048], Via Haas, Timbó.
 9 - Salão Hammermeister [TIO013], Tiroleses, Timbó.
 10 - Detalhe do trabalho com tijolos na empena do Salão Hammermeister. [TIO013].
 11 - Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], Indaial.
 12 - Interior da capela [IDL113].



Alvenaria de Tijolos Aparentes

Nesse tipo de construção, o volume principal tem as paredes externas feitas de tijolos maciços aparentes. Da mesma forma os anexos, puxados e ampliações usualmente são edificados com o mesmo tipo de estruturação. Variações desse partido são encontradas, apresentando estruturas menores de enxaimel, que se ligam à casa principal. Essa estrutura menor é quase sempre mais antiga, tendo sido reaproveitada quando da ampliação da moradia.

Os tijolos desse tipo de construção são quase sempre feitos manualmente, em fôrmas de madeira, no próprio local ou em olarias tradicionais.

Essa técnica construtiva não foi tão disseminada quanto a enxaimel, mas um número considerável de exemplares é encontrado em toda a área de imigrantes, entre casas, comércio, capelas e, inclusive, pequenas indústrias. As edificações de alvenaria de tijolos autoportantes aparentes refletem a maestria dos imigrantes alemães, poloneses e italianos em construir com tijolos.

Externamente os detalhes da amarração dos tijolos, alternando fiadas deitadas, em pé ou na diagonal, e da policromia dos tijolos claros e escuros, formando losangos e cruces, conferem efeitos visuais decorativos às estruturas. A decoração pode também ser fornecida por detalhes de acabamento em estuque, guarnecendo aberturas, peitoris, cimalthas e pilastras.

O interior das casas construídas nessa técnica é normalmente de alvenaria rebocada e dividido em, no mínimo, três compartimentos. A existência de pintura decorativa nos quartos, salas e até mesmo nas varandas e cozinhas é comum.

As construções em alvenaria de tijolos autoportantes aparentes foram encontradas em todas as regiões de imigrantes de Santa Catarina, e muitos de seus exemplares estão entre os edifícios mais preciosos a serem preservados. Na área italiana, devem ser anotadas as casas Buzzi [ASC001], em Ascurra, intercalando paredes de tijolos à vista com cunhais, cimalthas, beirais e requadros argamassados, demonstrativas de antigas e esmeradas lições da arte de construir. A Casa Schiockett [JGS036], em Jaraguá do Sul, é um caso à parte de nobreza de proporções e refinamento dos acabamentos. Em Rodeio, a Casa Bel Trento [ROD007], a Fronza [ROD001] e a situada em terreno da Companhia Hering [ROD004a] demonstram os padrões usuais dessa tipologia construtiva. Na Casa Lenzi [RCD004], em Rio dos Cedros, estão evidenciados dois momentos da técnica de construção em alvenaria autoportante com tijolos aparentes. Na região onde predominam os imigrantes poloneses, o destaque é a casa Neumann [SBS004], em São Bento do Sul. As casas Zimath [TIO007] e Ewald [TIO048], em Timbó, o Salão Hammermeister [TIO013], na mesma cidade, e a Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], em Indaial, são alguns dos exemplos eloqüentes.

Alvenaria de Tijolos Rebocadas

Essas casas apresentam o volume principal feito inteiramente de alvenaria rebocada. Mantêm-se, nessas construções, a similaridade de estruturas de telhado, volumetria e soluções de plantas, em relação tanto às casas enxaimel quanto às suas congêneres de alvenaria aparente. É comum que os



A alvenaria rebocada está presente em todas as regiões e traduz um momento avançado da arquitetura do imigrante, buscando referências na arquitetura europeia da época, quase sempre adornada por elementos ecléticos. Está presente nos núcleos rurais, nas edificações comerciais (1 e 6), em residências (3, 4, 5, 7 e 8) e também em igrejas e escolas. É no ambiente urbano, no entanto, que a alvenaria rebocada e o ecletismo encontram seu espaço preferencial, como podemos perceber na Joinville da década de 1980 (9).

- 1 - Comércio Zimmdars [BLU081], Itoupava Rega, em Blumenau.
- 2 - Detalhe da aplicação em argamassa do Comércio Zimmdars [BLU081].
- 3 - Casa Piske [CPA018] em Campo Alegre.
- 4 - Casa em Corupá, a caminho de São Bento do Sul.
- 5 - Residência em Antônio Carlos. São inúmeros os exemplares de alvenaria rebocada com aplicações em argamassa na região de imigrantes.
- 7 - Casa João Gomes de Oliveira [JVE086], na Estrada Dona Francisca de Joinville.
- 8 - Casa Krüeger [JVE001], também na Dona Francisca, em Joinville.
- 9 - Vista da Rua XV, em Joinville, na década de 1980.

edifícios sejam adornados com estuques nos detalhes de requadros, cunhais e platibandas, sacadas e outros elementos. Puxados, varandas e ampliações são usualmente construídos com o mesmo método. Internamente, as paredes são de tijolos sempre rebocados, tabiques de madeira, pau-a-pique e, em exemplares mais antigos, em enxaimel. É comum que essas técnicas convivam em casas construídas em enxaimel e alvenaria autoportante. Nas casas dos imigrantes poloneses, as divisões internas em madeira foram muito empregadas.

É comum, em todas as áreas de imigrantes italianos e alemães, a interpretação de que muitas construções em enxaimel ou alvenaria autoportante foram rebocadas como maneira de comprovar a “brasilidade” de seus proprietários, durante os anos da Segunda Grande Guerra Mundial.

As casas de alvenaria autoportante, como foi dito, conquistaram terreno frente às enxaimel, e quando a arquitetura buscou padrões urbanizados, importados de modelos do ecletismo europeu, esses exemplares foram invariavelmente construídos em alvenaria de tijolos rebocados. Esta fase pode ser representada por dois tipos especiais de construção.

No mais comum deles, espalhado por todas as regiões, os edifícios de alvenaria rebocada substituíram praticamente todos os outros e impuseram sua presença na paisagem urbana e rural onde se estabeleceram os imigrantes. Essas construções guardaram o volume geral dos edifícios anteriores, embora sejam comuns as mansardas e águas-furtadas e a composição dos volumes antigos em blocos justapostos, criando novas possibilidades de composição e volumetria. A casa comercial Zimdars [BLU081], na Itoupava Rega, em Blumenau, é exemplo dessas transformações.

O segundo modelo é mais raro e relaciona-se com imóveis mais pretensiosos, representativos do sucesso de muitos dos imigrantes. Embora preciosos, poucos exemplos dessas casas ainda existem na região. Refletem as condições dos imigrantes mais abastados e a transferência de uma arquitetura mais sofisticada, da sede da colônia e dos países de origem dos imigrantes, para o centro das localidades rurais. São edificações que não foram erguidas como resultado do esforço coletivo entre proprietários e vizinhos, como as construídas anteriormente. Expressam um período em que a especialização e a divisão de trabalhos já estavam bastante delineadas, e os edifícios eram construídos contando com especialistas contratados especialmente para as diversas tarefas de construir. Os exemplos mais antigos dessas casas são poucos, quase todos situados em áreas urbanas ou isolados em algumas localidades rurais. Externamente, a decoração é fornecida principalmente por estuques, que adornam vãos, balcões, arcos e varandas ou simulam paredes de pedra. O interior é dividido em muitos compartimentos, indicando um maior número de funções do que as outras tipologias. Porões, sótãos e até dois pavimentos são típicos. A pintura decorativa tipo estêncil é usual em forros de massa feitos de cal ou gesso, e adornando paredes de salas e quartos. Escadas elaboradas de madeira também são encontradas. As casas Malburg, Konder e Assemburg, em Itajaí, a casa Galotti, em Tijucas, e vários exemplares urbanos de Blumenau exemplificam a tipologia.

Depois de 1930, as casas rebocadas tornaram-se ainda mais comuns em todas as áreas de imigrantes, especialmente nos modelos urbanos. Com o advento do art déco tornaram-se absolutas, até o surgimento do concreto armado e de novas soluções plásticas e estruturais.

Fissuras localizadas onde o esforço estrutural é maior, como nos arcos de descarga (1) e desprendimento do reboco externo e interno devido à trepidação ocasionada pelo trânsito de veículos pesados ou por ação do tempo (2, 3 e 4) são os problemas mais comuns encontrados nas construções de alvenaria autoportante.

- 1 - Casa em Luiz Alves.
- 2 - Casa Monsen, no centro de Blumenau.
- 3 - Casa Severino Mengarda [RCD002], em Rio dos Cedros.
- 4 - Casa Cancelier [ORL001], Orleans.



Patologias

As condições de conservação das edificações construídas em alvenaria autoportante são melhores do que as de enxaimel, já que não contam com a deterioração da madeira. Os tijolos, sempre que bem confeccionados, apresentam maior resistência e, quase sempre, maior durabilidade. Entretanto, é comum encontrar problemas causados pela umidade ascendente, que no caso da alvenaria aparente agrava-se devido à contaminação de tijolos por sais. Os danos mais comuns, entretanto, surgem na estrutura das paredes, suscetíveis aos pequenos recalques, de que resultam fissuras, em especial junto das vergas de portas e janelas. É importante notar que, nas alvenarias aparentes, as argamassas de rejunte podem estar deterioradas com mais frequência, oferecendo maior facilidade para a infiltração da umidade. A conservação das argamassas de rejunte e acabamento são, portanto, condições de subsistência desses imóveis, bem como as condições de solo, que devem estar isentas de recalques e de excessos de umidade.

Alvenaria de pedra

Na região de imigrantes de Santa Catarina, a alvenaria de pedras está sempre associada com os imigrantes italianos e com estruturas autoportantes. São encontradas apenas no sul do estado, em especial nos atuais municípios de Urussanga, Nova Veneza, Pedras Grandes e Orleans.



A alvenaria de pedra é encontrada em abundância na região de colonização italiana do sul do estado. São exemplares especiais as casas de pedra da Família Bratti, em Nova Veneza (5 e 6) [NW017], a Igreja de São Gervásio e São Protásio (7) [URS093] e a Casa Ivanir Cancelier (8) [URS095], na localidade de Rio Maior, em Urussanga e, já em Orleans, o Sobrado da Família Barzin (9) [ORL002], único exemplar em granito.

Podem se apresentar totalmente rebocadas, com as pedras à vista ou em soluções mistas – mesclando-se com alvenaria rebocada ou tijolos à vista.

A Casa Ivanir Cancelier [URS095], em Rio Maior, no município de Urussanga, tem a fachada construída em alvenaria mista, de pedras aparentes e rebocadas; é um expressivo exemplo de requinte construtivo e apuro de proporções, próprios da arquitetura de imigrantes italianos.

A Igreja de São Gervásio e São Protásio [URS0930], também em Rio Maior, e a Casa Barzan [ORL002], em Orleans, sintetizam a tipologia construtiva em alvenaria de pedras autoportantes aparentes. A igreja é construída em arenito, como a grande maioria das construções de alvenaria aparente. A textura do corte da pedra é preservada e valoriza o conjunto da composição. Apresenta arcos de descarga sobre as vergas das portas e janelas.

A Casa Barzan [ORL002] é o único exemplar conhecido edificado em granito. Apresenta vergas em arco pleno e abatido, amplo porão que configura o pavimento térreo, pavimento superior e sótão. As pedras são assentadas em argamassa de barro e rebocadas internamente. O rejunte externo sobressai do plano das paredes, possivelmente derivado de reforma posterior à construção original.

Construções em madeira



Casa na Rua Itajaí, em Blumenau.

As construções em madeira normalmente não são as mais antigas das regiões em que se apresentam. Na origem das colônias, a obtenção de tábuas regulares representava tarefa árdua, quase sempre reservada apenas para forros e assoalhos, conquanto os ranchos tenham sido desde logo construídos em madeira, pois prescindiam de vedação entre o tabuado das paredes. Nas construções das casas, as tábuas foram utilizadas apenas na eventual vedação de empenas (casas Wunderwald [POD024], Radoll [TIO005], Edeltraud Eichendorf [SBS002]). O uso da madeira nas empenas denota, segundo alguns autores, uma segura influência pomerana.

No transcorrer dos anos, com a evolução das serrarias, a facilidade de obtenção, a trabalhabilidade e o baixo custo da madeira, seu uso como material construtivo tornou-se freqüente, estendendo-se das primeiras décadas do século XX até meados deste mesmo século.

Nesse período, a madeira foi usada nas aplicações habituais (estrutura dos telhados, forros, assoalhos, paredes internas e esquadrias) e como material de vedação das paredes, empregando-se tabuado pregado sobre a estrutura – também confeccionada em madeira. Nessas condições, a arquitetura em madeira chegou a ser industrializada, construindo-se casas em série, além de edifícios diferenciados, onde o tabuado era encaixado e fixado entre montantes de madeira. Foi comum a adoção de paredes duplas de madeira, ampliando o conforto térmico e acústico dos edifícios.

As casas de madeira obedecem a padrões distintos nas várias regiões de imigrantes de Santa Catarina.

No sul, apresentam um caráter mais rústico, com volumes relacionados com as casas de alvenaria dos imigrantes italianos. Raramente são pintadas, resultando em construções enegrecidas, quase sempre formadas por dois volumes: o da casa propriamente dita e o da cozinha. Esquadrias e coberturas de telhados seguem os padrões gerais da arquitetura do imigrante italiano.

No Vale do Itajaí e na Colônia Dona Francisca, as construções em madeira seguem a volumetria, a planta e os detalhes construtivos das casas enxaimel e de alvenaria autoportante, inclusive no que diz respeito a varandas, ornamentos e anexos. Existem vários casos de casas enxaimel que apresentam a vedação efetivada por tabuado de madeira.

Vale destacar que as chamadas casas de madeira sempre apresentam similitude com as construções enxaimel, uma vez que ambas constituem-se em arquiteturas de estruturas autônomas de madeira. As casas de madeira são, portanto, além de estruturadas em madeira, alteadas do solo, assentes em sapatas de alvenaria de tijolos ou sobre pedras. O diferencial da estrutura é que raramente são dotadas de peças transversais de contraventamento, substituídas freqüentemente por pequenas mãos francesas. Nota-se, também, a menor seção das peças estruturais de madeira. A razão dessas diferenças reside na excepcionalidade da madeira como material construtivo: as tábuas pregadas na estrutura contribuem decisivamente para atenuar os esforços de contraventamento e diminuem o peso e a carga incidente sobre as peças verticais e longitudinais da estrutura. Como conseqüência, as peças transversais (como nos ranchos) praticamente desaparecem e diminui-se a seção de vigas e pilares da estrutura.

No norte do estado, que ostenta a duvidosa glória de ter abrigado a maior madeireira do seu tempo – a norte-americana Lumber, instalada nos primeiros anos do século XX no atual município de Três Barras –, a madeira foi fartamente utilizada na construção de casas, igrejas, escolas e estabelecimentos comerciais. Pequenos palacetes ingleses, assobradados e dotados de arremedos de torres ao gosto eclético, envidraçados (com bay windows), com lareiras e amplas janelas envidraçadas, subsistem em Canoinhas, Mafra, Porto União, entre outros. Nessa área, onde chegaram a ocorrer verdadeiras cidades de madeira, preponderou o uso industrializado, com aproveitamento maior do nobre material.



O uso da madeira para o fechamento da emprena (1 e 2) denota, segundo alguns autores, a influência pomerana na arquitetura.

Em muitos exemplos, as casas de madeira mantêm a volumetria das construções em enxaimel e em alvenaria autoportante (3 e 4), seguindo os padrões de cada região.

O ciclo da madeira teve papel importante no desenvolvimento da região norte do estado e pode-se ainda encontrar uma imensa variedade de construções desse tipo, como no município de Canoinhas (5 e 6), onde está Marília Dias (8), um núcleo íntegro, construído quase que exclusivamente em madeira.

Na região polonesa e ucraniana (7 e 9) a madeira foi também largamente empregada.

Na área italiana, encontramos exemplares significativos, como a Casa da Família Bez Fontana (10), em Urussanga. Nesta região é comum que a madeira encontre-se na sua cor natural, sem o uso de tintas.

A madeira foi - e ainda é - o material por excelência empregado na construção dos ranchos (11 e 12) em todas as regiões de imigrantes.

1 - Fachada lateral da Casa Reinecke [TIO004], em Timbó, com sua emprena em madeira.

2 - Fachada lateral da Casa Wunderwald [POD024], em Pomerode.

3 - Casa de madeira em frente à Casa Wunderwald, em Pomerode.

A volumetria e a compartimentação interna permanecem as mesmas da casa enxaimel.

4 - Casa na localidade de Iracema, em Itaiópolis, região ucraniana.

5 - Hospedaria no centro de Canoinhas.

6 - Casa de madeira, influência polonesa em Canoinhas.

7 - Comércio de madeira na estrada que vai de Alto Paraguaçu a Moema, em Itaiópolis.

8 - Estabelecimento comercial em Marília Dias, próximo à Canoinhas, um núcleo quase que totalmente de madeira.

9 - Igreja de São Gervásio e São Protásio [URS093], em Moema, Itaiópolis.

10 - Casa da Família Bez Fontana [URS031], Urussanga.

11 - Rancho da Estrada Neudorf, em Joinville.

12 - Rancho da Casa Klug [TIO001], em Timbó.



Arquitetura em madeira do norte de Santa Catarina: Rio Negrinho, Canoinhas, Três Barra e Itaiópolis ainda detêm importantes exemplares em madeira.

Do ponto de vista do uso de tábuas de madeira, também podemos distinguir a utilização do material quase bruto, formado por tábuas largas e falquejadas em uma das faces, evoluindo para dimensões mais modestas, até os padrões usuais de meados do século XX, quando as bitolas normais para forro e assoalho giravam em torno dos 10 a 12 cm de largura. A diminuição das bitolas deve-se à progressiva valorização e racionalização da madeira, permitindo a utilização sempre maior da cubagem abatida.

Das grossas tábuas dos primeiros tempos, com mais de 50 cm de largura – ainda encontradas em assoalhos e por vezes em paredes –, o emprego da madeira foi sendo racionalizado, até que se chegou a padrões universalizados na época (comuns na América do Norte e no Chile, por exemplo). Nesse período, a madeira era disponibilizada industrialmente em estruturas pré-fabricadas, estruturadas por montantes verticais de madeira em que se encaixavam horizontalmente tábuas pequenas e estreitas, unidas entre si no sistema macho e fêmea, formando paredes simples ou duplas.

Verificamos o uso dessa técnica na casa Zíperer, em Rio Negrinho; na Zommer, em São Bento do Sul, e em muitas casas da região de Três Barras e Canoinhas.

CARACTERÍSTICAS REGIONAIS

De maneira simplificada, podemos distinguir quatro regiões de imigrantes que possuem características peculiares no que se refere à produção da arquitetura em Santa Catarina.

Vários ângulos do contexto cultural dos imóveis podem ser pesquisados para identificar esses diferenciais, tais como partidos plásticos específicos, materiais e técnicas construtivas, o desenvolvimento dos programas de plantas, os volumes dos edifícios e o esmero com que foram confeccionados.

Região da Colônia São Pedro de Alcântara

Na área da Colônia São Pedro, empreendimento oficial fundado com imigrantes alemães – o primeiro a implantar-se em Santa Catarina e um dos poucos em que os colonos desde cedo tiveram contato freqüente com elementos luso-brasileiros –, a arquitetura resultou em uma curiosa mescla das tradições teuto e luso-brasileiras.

Do repertório construtivo dos imigrantes alemães permanecem as estruturas autônomas de madeira – o enxaimel – e a alvenaria de tijolos, muitas vezes à vista. Da arquitetura existente no litoral mantiveram-se os telhados pouco inclinados (com cumeeiras, terças e frechais à maneira portuguesa), as telhas capa e canal e o engaste no solo (nabos) dos pilares da estrutura enxaimel, prescindindo das peças transversais de contraventamento.

Essa solução híbrida está representada em algumas poucas dezenas de unidades preservadas, espalhadas pelo vasto espaço geográfico de vários municípios atuais.

Foi também dessa solução que derivou o volume que particulariza a arquitetura regional, inclusive das casas de alvenaria autoportantes rebocadas, muito comuns em São Bonifácio, Antônio Carlos, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, Angelina e São Pedro Alcântara, dentre outros.

Em termos de planta, a forma alongada de algumas das casas da região pode estar associada ao fato de muitas delas ficarem às margens da estrada que ligava o litoral ao planalto. Os cadastros evidenciam a freqüência com que se mesclavam os usos residenciais e comerciais, e os relatos registram a constância com se albergavam os viajantes que percorriam o caminho. Assim, as funções comercial e de receptividade aos viajantes somavam-se à estrutura da casa.

Em linhas gerais, a mistura dos elementos teuto e luso-brasileiros na composição da arquitetura da região representa a maior especificidade dessa área. No entanto, a região da antiga Colônia São Pedro ainda necessita de estudos que aprofundem os conhecimentos sobre as particularidades de sua ocupação, de sua arquitetura e dos núcleos urbanos dela derivados.

Na região próxima à São Pedro de Alcântara - considerando desde Antônio Carlos, Angelina, Rancho Queimado, até São Bonifácio e São Martinho - a arquitetura rural caracteriza-se pela influência luso-brasileira nas construções de colonos de origem alemã. O emprego da alvenaria rebocada é também mais usual (1 e 2).

O enxaimel é simplificado, com a estrutura feita a partir de esteios cravados no solo, o que dispensa o uso do contraventamento transversal existente no Vale do Itajaí, norte e nordeste. A inclinação dos telhados também não é tão acentuada e o uso das telhas tipo “capa e canal” é predominante, praticamente inexistindo a “rabo de castor”.

Algumas coberturas com telhas de zinco também foram registradas (6).

Em algumas casas de São Martinho, região mais próxima às colônias italianas, verificou-se o emprego de telhas capa e canal com estrutura de telhado típica da região italiana (ripas paralelas ao caimento das telhas) em casas enxaimel.

1 e 2 - Casas em alvenaria autoportante com elementos ecléticos em Antônio Carlos, próximo à São Pedro de Alcântara.

3 - Casa em enxaimel simplificado, em Antônio Carlos.

4 - Casa em alvenaria autoportante aparente, em Antônio Carlos.

5 - Casa em São Bonifácio. Enxaimel simplificado e pouca inclinação do telhado são características da região. Nota-se ainda o emprego de diferentes tonalidades de tijolos nos painéis enxaimel.

6 - Casa em São Bonifácio, com cobertura de zinco, enxaimel simplificado e tijolos de tonalidades diferentes formando desenhos geométricos na fachada.

7 - Casa em São Bonifácio. Tipologia similar à anterior e cobertura com telha tipo “capa e canal”.

8 - A implantação no lote e a relação com a paisagem são semelhantes às demais regiões de imigração.

As diferenças se encontram na arquitetura, com menor inclinação dos telhados, enxaimel simplificado, sem contraventamento transversal e esteios cravados no chão.